O BRASÃO DE COIMBRA

RESENHA

DO QUE ESCREVERAM E DISSERAM ÁCERCA D'ELLE
ALGUNS AUCTORES DISTINCTOS

COLLIGIDA E ANNOTADA

POR

Augusto Mendes Simões de Castro
Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra
e socio do Instituto da mesma cidade

COIMBRA
Imprensa da Universidade

O BRASÃO DE COIMBRA

O BRASÃO DE COIMBRA

RESENHA

DO QUE ESCREVERAM E DISSERAM ÁCERCA D'ELLE
ALGUNS AUCTORES DISTINCTOS

COLLIGIDA E ANNOTADA

POR

Augusto Mendes Simões de Castro
Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra
e socio do Instituto da mesma cidade

COIMBRA
Imprensa da Universidade

AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

CARLOS RELVAS

O. E D.

Augusto Mendes Simões de Castro.

O BRASÃO DE COIMBRA

Em campo de vermelho calix de ouro; dentro em meio corpo donzella de mãos postas de vestes de prata, coroada de coroa ducal; á direita serpe de verde, á esquerda leão de ouro, batalhantes: timbre—coroa ducal.

SR. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

Nenhuma das cidades de Portugal possue mais formoso e celebrado brasão que a de Coimbra; formoso na sua composição, celebrado pelo que d'elle têm escripto e dissertado alguns dos nossos escriptores mais distinctos.

Como tudo o que respeita á cidade do Mondego, tambem o seu brasão inspira vivo interesse; tambem se acha cercado de poesia infinda, de romanticas e curiosas tradições.

A sua explicação, verdadeira ou phantas-

tica, tem dado margem a formosas paginas de notaveis prosadores; distinctos poetas a têm cantado em harmoniosos versos, ou têm formado d'ella episodios interessantes, com que ornaram seus poemas e composições; a romancistas celebrados tem dado assumpto para phantasiosos contos; finalmente oradores e moralistas insignes nella têm achado motivos para longo dissertar em boa e proveitosa doctrina.

Das principaes passagens dos nossos escriptores ácerca do brasão de Coimbra temos formado uma copiosa collecção, que ora reunimos neste folheto. Affigura-se-nos que não será destituida de interesse a publicação d'esta resenha, que nos esforçámos por tornar completa quanto possivel. Quando não tenha outro merecimento, ao menos ninguem lhe negará o de poupar ao curioso, que pretender profundar as suas investigações ácerca d'este interessante assumpto, o penoso trabalho de folhear tantas obras raras, e a maior parte d'ellas difficeis hoje de haver á mão.

Não nos atrevemos a decidir qual das explicações que os nossos escriptores têm dado da divisa de Coimbra seja a verdadeira, se alguma d'ellas o é.

A mais seguida, a que foi apresentada como

historica, e a que offerece mais visos de verosimil, é a que publicou fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana,* P. 2.ª, liv. VI, cap. III.

Este elegante chronista, depois de ter narrado a victoria, que Ataces, rei dos alanos, alcançou, quando Hermenerico, rei dos suevos, o veiu provocar ao tempo em que aquelle edificava a nova Coimbra; e o proposito em que estava Ataces de passar o Douro para conquistar as terras que ahi possuia o seu vencido contendor, continua referindo a proposta de paz por este apresentada, e diz:

«....Hermenerico lhe mandou embaixadores, e com elles prometter em casamento uma filha chamada Cindasunda, com que Ataces se retirou da empreza, dando-se por satisfeito com a gloria do vencimento, e com tão honroso despojo, como era alcançar por mulher a Cindasunda, de cujas virtudes ouviremos logo um notavel testemunho. Não desistiu Ataces da fundação de Coimbra, afeiçoado por ventura da fortaleza e bondade do sitio, e nelle o veiu buscar Hermenerico, trazendo a filha e grandes riquezas ao genro, com quem se celebraram as mais custosas bodas que se viram entre aquelles barbaros, e querendo Ataces mostrar ao sogro a grande conformidade

em que ficavam por causa daquelle matrimonio, mandou pintar nas bandeiras o retrato de Cindasunda, mettida em uma torre, e a uma parte d'ella um dragão de côr verde, e á outra um leão ruivo, que eram as insignias do sogro e suas, mostrando que aquellas armas, até então inimigas entre si, ficavam d'alli em diante pacificas e conformes, por respeito de Cindasunda; e como se andassem então edificando os muros e torres da cidade, os obreiros esculpiam nas pedras esta insignia, vendo ser agradavel ao barbaro, e desde este antigo tempo até gora ficou por armas, e divisa desta nobre cidade de Coimbra....»

Para documentar a sua narração transcreve e traduz fr. Bernardo de Brito as duas cartas seguintes que diz estarem escriptas em um livro de mão da livraria de Alcobaça, e terem sido trasladadas nelle d'outro livro já gastado, por mandado do abbade D. Jorge de Mello, que depois foi bispo da Guarda.

Hæc est epistola Arisberti Portugalens. ad Samerium Archidiaconum Bracharensem.

Per misericordiam Dei evasimus manus impiorum, et transeuntes Colimbriam novam, vidimus ibi multos Dei ministros laborantes jussu Atacis in constructione murorum novæ arcis, quam ipse supra mundam facit (de-

vastata jam prima populatione) ibi erat servus Dei Elipandus Episcopus, et Essenus Presbyter, et multi alii servientes in operibus: Flevi cum illis comparem afflictionem, et ablatum in Lusitania jus Imperatorum ipsi ad me scribunt, quod sit illis bona spes propter conjugium Cindasundæ filiae Hermenerici, quia fidelis, bona, et pia est, de eventu eritis certiores.

«Seu fiel traslado em lingua portugueza é o seguinte:

—«Pela misericordia de Deus escapei da mão dos impios, e passando pela nova cidade de Coimbra, vi ahi muitos sacerdotes do Senhor trabalhando por mandado de Ataces, no edificio dos muros da nova fortaleza, que elle edifica sobre a corrente do Mondego, em logar da primeira povoação, que destruiu. Ahi estava o servo de Deus Elipando, bispo da mesma cidade, e o sacerdote Esseno, com outros muitos, que serviam nas obras; chorei com elles a commum afflicção, e o direito dos imperadores perdido já em Portugal, elles me escrevem da boa esperança em que vivem, pelo casamento de Cindasunda, filha de Hermenerico, que é catholica, boa, e piedosa senhora: Do que succeder vos farei sabedores.—»

«A outra carta, em que se referem mais

em particular as cousas que contei acima, é do mesmo Arisberto, escripta a outro bispo, chamado Pamerio, que devia ser da Idanha, por estar no concilio assignado com este nome. As palavras da carta são as seguintes, trasladadas fielmente do mesmo livro:

Alia Epistola ad Pameriũ Episcopũ.

Queritis de statu nostro, et fratrũ nostrorum, benevidentur nostra si peccata non tollant, quod enim accidit, hoc est. Ataces Lusitaniæ Rex, Christianus quidem, sed sectator Arianorum extat, veteremque Colimbriam destruxit juxtaque Mundam Fluvium iterum construxit, labore, et sudore captivorum hominum, servorumque Dei, et cum implicitus in ædificio maneret, advenit Hermenericus Rex Suevorum qui ultra Fluvium Durias degebat, et inito bello Ataces Victor remansit, cumque usque ad Durium persecutus fuisset Suevos, et velet Fluvium transire, mittit Hermenericus Legatos qui pacem petant, et Cindasundam filiam uxorem promittant, finitur bellum, deducitur filia usque ad Colimbriam, ibique ut finitam discordiam monstratret, depingit turrim cum puela, juxta quam Draconem viridiem, Leonemque rufum, sua et soceri insignia componit, ostendens advenisse pacem per nuptam puelam, quæ cum Christiana, et fidelis esset,

cum marito fecit, ne Catholicos Domini Episcopos, et sacerdotes ultra persecutionibus maceraret, et qui in operibus laborabant in libertatem poneret. Res ecclesiarum partim restitutæ sunt, partim in proximo sunt, ut restituantur, Rex parat se, et suas ad belandum, dicitur contra Gothos eo quod adjungit ad se auxilia Romanorum tam ex Scababi, quam ex Ulisbona, Setulbriga, et Colipode, propriam que gentem Lusitanam ponit in armis, Regina dissuadet bellum, seu amore mariti, seu timore eventus, elemosinas facit Episcopis exulantibus, et devotionem magnam habet in Deum, et in Beatum Petrum Ratistensem, orat quotidie pro marito, et fide illius, si Deus dignetur illum illuminare, sic omnia in pace, et bona spe procedunt, tu ora pro Ecclesia Dei, et pro me peccatore. Vale.

«Sua significação é a seguinte:

—«Pedis-me novas do estado em que estão minhas cousas, e as de nossos irmãos, ao que vos respondo, que mostram boas esperanças, se meus peccados as não impedirem, e o que tem succedido atégora é o seguinte: Ataces, rei da Lusitania, inda que na verdade fôsse christão, todavia seguia a seita dos Arianos, o qual destruiu a antiga cidade de Coimbra, e a tornou a edificar junto do rio Mondego,

á custa do trabalho e suor dos naturaes da terra, e de muitos servos de Deus, e ao tempo que estava mais occupado na obra, sobreveiu Hermenerico, rei dos Suevos, que andava da outra parte do rio Douro, e dando-lhe batalha, ficou Ataces vencedor, e como fosse no alcance dos Suevos até o Douro, e se preparasse para o vadear, mandou Hermenerico embaixadores pedindo condições de paz, e offerecendo-lhe por mulher a sua filha Cindasunda. Deu-se com isto fim á guerra, e com lhe levar a filha até Coimbra, onde para mostrar o fim de suas discordias, mandou pintar uma torre com uma donzella dentro, junto da qual estava um dragão de côr verde, e um leão ruivo, que eram as armas do sogro, e suas, dando a entender ser nascida aquella paz pelo casamento da dama, a qual como fosse christã e catholica, acabou com o marido, que não attribulasse mais com perseguições aos bispos catholicos, e sacerdotes do Senhor, e que désse liberdade áquelles que trabalhavam nas obras. Os bens das egrejas, parte d'elles são já restituidos, e parte se espera cada dia que venham a restituir-se. El-rei prepara-se com sua gente para fazer jornada, corre fama que é contra os Godos, porque se vale da gente romana, chamada assi de

Santarem, como de Lisboa, Setuval, Leiria, e aos proprios portuguezes naturaes da terra, faz tomar as armas. A rainha contraría esta guerra, ou levada do amor do marido ou receosa do successo d'ella, faz grandes esmolas aos bispos desterrados, e tem grande devoção em Deus, no bemaventurado S. Pedro de Rates, faz cada dia oração pelo marido, e por sua fé, para que Deus tenha por bem de o alumiar. D'esta maneira procedem todas as cousas em paz e boa esperança, vós rogai por o estado da egreja de Deus, e por mim peccador. O Senhor vos guarde.»

Não respondemos pela veracidade da narração de fr. Bernardo de Brito; antes nos inclinâmos a tel-a por um dos partos da sua phantasiosa e romantica imaginação. É bem sabido que, se este nosso escriptor é pelos philologos considerado de grande merecimento quanto ás bellezas do seu estylo, clareza do discurso, perspicuidade e elegancia da locução, a ponto de lhe assignarem um dos primeiros logares entre os classicos da nossa lingua, pelo que respeita aos seus dotes de historiador, á sua sinceridade, ao credito que devem merecer os factos por elle narrados, é pelos criticos mui desvantajosamente apre-

ciado (*). E entre os documentos produzidos por fr. Bernardo de Brito, tidos na conta de falsos, contam-se as duas cartas, em que elle baseia a sua narrativa ácerca dos successos de Ataces e Hermenerico.

Fr. Joaquim de Sancto Agostinho, na sua erudita *Memoria sobre os codices manuscriptos, e cartorio do real mosteiro de Alcobaça*, tractando do Codex n.º CXIII e CCLXXXVIII, as considera como falsas.

Outro critico não menos respeitavel e auctorisado, fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, as tem tambem na mesma conta, não duvidando acoimar o que as apresentou de *impostor* e *forjador de mentiras* (**).

Em contraposição á opinião dos dois criticos mencionados, a authenticidade d'aquelles documentos é sustentada pelo chantre de Evora *Manuel Severim de Faria* e pelo beneficiado da Sé de Coimbra *Francisco Leitão Ferreira*. A apreciação dos argumentos apresentados de parte a parte, e a averiguação da verdade neste ponto, deixamos aos curiosos, que nós vamos continuar com a nossa resenha.

(*) Vide *Dicc. Bibliogr.* do sr. I. F. da Silva.
(**) *Elucidario*, t. I, pag. 329.

Não deixam de ter aqui bom cabimento as famosas allegorias a que deram assumpto as armas de Coimbra por parte dos illustres filhos d'el-rei D. João I, os infantes D. Pedro e D. Henrique.

Sahindo uma occasião da cidade pela porta da ponte disse o nosso grande navegador para o regente, apontando para a divisa que alli se via numa pedra:

—Bem se pode, senhor irmão, comparar a vós esta figura, pois tambem de uma parte daes mantimento ao Leão, que é Castella, e da outra a Portugal, que é a Serpe do nosso timbre.

—É verdade, acudiu o infante; mas vêde a mulher, e considerae, que está sobre calix, que significa sangue; com que mais claro parece, que de meus trabalhos, serviços, e beneficios, esse ha de ser meu galardão (*).

E não se enganou em seu presagio! O empenho com que procurava bem servir a sua patria, e os grandes serviços que desveladamente lhe prestou foram-lhe pagos com inve-

(*) Vide *Dialogos* de Mariz, dial. IV, cap. VII; *Memorias para a Hist. de Portug. que comprehendem o governo de D. João* I por José Soares da Silva, t. 1.º, pag. 329; e *Conquista de Coimbra*, por Antonio Coelho Gasco, cap. IX.

jas, malquerenças, intrigas e calumnias, que deram em resultado a sua desgraçada morte nos infames plainos de Alfarrobeira.

Francisco de Sá de Miranda traz em suas obras uma composição em castelhano, intitulada *Fabula do Mondego*, que dedicou a el-rei D. João III. Nesta fabula tambem o illustre poeta conimbricense allude ao brasão da sua patria. Versa a fabula sobre uns desgraçados amores entre um mancebo por nome *Diego* com uma ninfa do rio *Monda*. Refere que por memoria d'elles trocara o rio o nome em *Mondego*, e diz nas est. XLV e XLVI:

Por cierta prueva del antigo cuento,
Conforme a lo que os he señor contado,
Parece de Coymbra en el pendon,
Qual lo vemos al ayre desplegado,
La Nympha en forma de un encantamiento,
Que la guarda un gran Drago, y un Leon,
Y con justo blason
(Pues que el Reyno pregona
Que es alli su corona)
A la Nympha, corona fue añadida,
Que por el agua vá medio metida,
Quanto mano pintar la pudo hermosa,
Pero, como offendida
Turbada toda, y toda desdeñosa.

Otros dan tal pintura a la Donzella,
Que dio nombre a los montes Pirineos,
De Hercules por amor despedaçada,
El cuerpo de las fieras, de desseos
El alma, mientras sola se querella,
Porque estando con el no teme nada:
Otros âquella Hada
Que fue medio Serpiente
Que el mismo en Oriente
De si en cinta dexó, dexole un vaso
Rico, porque bebia, ora del caso
Vós sabeis todo, a quien nada escaece,
(Musas del gran Parnaso)
A nós el tiempo todo lo escurece.

Esta fabula encontra-se no vol. I da edição de 1784 a pag. 17.

Outro escriptor, não menos famoso, da mesma epocha, se occupou tambem das armas de Coimbra, e egualmente em obsequio d'el-rei D. João III. Gil Vicente, o inaugurador do theatro portuguez, compoz uma comedia, que intitulou *Comedia sobre a divisa da cidade de Coimbra,* a qual foi representada nesta cidade em presença do monarcha. Encontra-se a pag. 105 do t. 2.º das suas Obras (edição de Hamburgo, 1834), e vem precedida da seguinte nota:

Comedia representada ao muito alto, pode-

roso, e não menos christianissimo Rei D. João terceiro em Portugal deste nome, estando na sua muito honrada, nobre e sempre leal cidade de Coimbra. Na qual comedia se tracta o que deve significar aquella Princesa, Leão, e Serpente, e Calix, ou fonte, que tem por divisa: e assi este nome de Coimbra donde procede, e assi o nome do rio, e outras antiguidades de que não he sabido verdadeiramente sua origem. Tudo composto em louvor e honra da sobredita cidade. Feita e representada era do Senhor 1527.

Toda a substancia da comedia se reduz no seguinte: *Colimena,* filha de Ceridon, rei de Cordova, e Andaluzia, foi captiva por um selvagem chamado *Monderigon,* o qual a encerrou barbaramente em uma forte prisão acastellada.

Depois de longo captiveiro é libertada a princeza por uma serpe e por um leão; e edificando posteriormente a cidade de Coimbra, deu-lhe por armas, em memoria do seu livramento, a sua figura numa torre, tendo aos lados as dos dois animaes que lhe deram a liberdade, e a subtrahiram á crueldade do tyrano Monderigon. Quasi no fim da comedia diz Colimena:

Eu assentei aqui esta cidade;
E eu sou Coimbra; que vem de Colimena.

Tomei por devisa aqueste Leão
E aquesta Serpente, por que fui livrada;
E o calix do meio é cousa errada,
Porque ha de ser torre com uma prisão.
E porque fui livre por graça de Deos,
Tomei estas armas, fazendo saber
Que tudo Deos faz e pode fazer,
E as cousas da terra procedem dos Ceos (*).

Ignacio de Moraes, um dos famosos professores, que por convite d'el-rei D. João III illustraram a universidade logo depois de transferida para Coimbra em 1537, imprimiu em 1553 um curioso livro, hoje muito raro (**) intitulado *Conimbricæ Encomium,* que dedicou ao principe D. Antonio, filho do infante D. Luiz. Esta interessante composição é escripta em formosos versos elegiacos, nos quaes seu auctor imita admiravelmente a majestade de Virgilio e a suavidade de Ovidio. Nella descreve com summa elegancia a cidade de Coimbra, mencionando os seus principaes mo-

(*) Nesta comedia se faz derivar de Monderigon o rio Mondego, pois nella se diz:

Monderigon morto, segundo se prova,
Fizeran-lhe a cova lá cima num pego,
Pelo qual se chama este rio Mondego
E a sepultura se diz Pena-cova.

(**) Na bibliotheca de Evora existe uma copia ma-

numentos, os edificios mais notaveis e as cercanias e logares mais celebrados pelos seus mimos e encantos.

Quanto á fundação e armas da cidade apresenta Ignacio de Moraes uma interessante narrativa, baseada toda na fabula —

Apaixonado Hercules por Pyrene, filha de Bebryx, taes cousas diz á formosa donzella, que consegue a satisfação de ardentes desejos.

Apenas Pyrene conhece que traz no seio o fructo dos seus amores, foge, envergonhada, das vistas de seu pae, e vai acoitar-se numa gruta no meio d'um espesso bosque. Completado o tempo da gravidez, em vez de creatura humana (caso maravilhoso!) dá á luz a desgraçada donzella uma monstruosa serpente alada. Á vista d'um acontecimento tão estupendo, Pyrene fica horrorisada; e, pallida, tremula e fóra de si, corre pelo bosque banhada em pranto, lastimando-se magoadamente, e implorando em altas vozes o auxilio dos deuses.

Então as feras da selva, despertadas por tamanha grita, sahem de seus antros, e, lançando-se sobre a desgraçada, em breve a despedaçam.

nuscripta. Nós possuimos um exemplar impresso, e ainda não vimos outro.

Procurada depois por seu extremoso amante, elle só encontra no meio da floresta a parte superior da sua infeliz Pyrene; e, cheio de dor por tão fatal acontecimento, recolhe-a com religioso respeito em uma formosa urna.

Hercules funda pouco depois a cidade de Coimbra, e para commemorar o lastimoso caso da sua Pyrene, e como monumento da sua dor, dá-lhe por brasão uma urna com meio corpo de mulher, tendo d'um lado uma serpente, representativa da que ella dera á luz, e do outro um leão, em memoria dos crueis leões que a despedaçaram.

Eis a narrativa de Ignacio de Moraes:

Antiquas reddit studiis Conimbrica Athenas:
Et docta præstat Pallade, et armigera.
Nam Lusitanos reges prima edidit olim,
Fortia qui in Mauros arma tulere truces.
Illa et totius fuit arx fortissima regni,
Constanti servans integritate fidem.
Illam, dum Hispanas olim penetravit in oras
Condidit (ut fama est) Amphitryoniades.
Nam cúm Geryonis fœcundos ibat in agros.
Rapturus victo præmia opima, boves:
Ad Pyreneos montes diverterat hospes:
Ardua Bebrycis quæ loca regis erant (*).

(*) De Bebryce rege montis Pyrenei, et de ejus filia Pyrene meminit Silius Italicus lib. 3.º

Por curiosidade transcrevemos a traducção de Fi-

Hujus regali formæ excellebat honore
Filia Pyrene, spesque parentis erat.
Hanc videt Alcides, subitoque exæstuat igne,
Audet et hospitii contemerare fidem.
Forte aberat Bebryx tunc, cúm Tirynthius heros
Apta videt votis tempora adesse suis.
Cúmque Cupidineis Bachæos adderet ignes,
Membraque forte epulis tunc saturata forent,
Vim facit : et nymphæ demulcens pectora dictis,
Erepto spolio virginitatis, abit.
Illa (fide maius) gravida conceperat alvo
Serpentem : tumidæ crescere cæpit onus.

linto da passagem de Silio Italico, a que allude Ignacio de Moraes:

Ora o Poeno, turvando a paz no mundo,
Busca as frondosas cimas de Pyrene;
Pyrene, que da altura desmedida
Do tempestuoso pico avista ao largo
Os Iberos, dos Celtas, divididos,
E ás grandes terras põe divorcio eterno.
Deduziram seu nome estes penhascos
Da donzella Bebrycia; e o crime accusam
Da hospedagem de Alcides, que por sorte
De seus trabalhos, os extensos agros
Do tricorporeo Gerião buscando,
Tomado de Lyeo, no crú palacio
De Bebryx, a chorar desfeiada e morta,
Sem virgindade o Deus deixou Pyrene.
Deus o motivo foi (se é dado crel-o),
Da morte da mesquinha, que parindo
Uma serpe, e temendo iras paternas,

In sylvas abiit Pyrene, ac lustra ferarum,
Victa metu, et fugiens victa pudore patrem,
Serpentem interea aligerum (mirabile dictu)
Edidit, et partus horruit ipsa suos:
Hos simul effugit, solis seque abdidit antris:
Flet misera indignas et notat ungue genas.
Herculis implorat frustra promissa, fidemque:
Clamat et iratum supplice voce patrem.
Thesea non aliter surdus clamabat ad undas,
Cùm se deserta Gnosis abisse videt.
Fundebat mœsto tales ex ore querelas,
Cùm vela infidæ soluerat ille irati:
Ac dum Pyrenè curarum fluctuat œstu,
Et fusa in ventos, irrita verba jacit:

Deixou turbada logo os doces Lares,
E foi carpir nas solitarias furnas
A herculea noite; do varão contando
A promessa aos opacos arvoredos;
Até que, lamentando o amor ingrato
Do roubador, a quem as mãos erguia,
Do seu hospede as armas provocando,
A espedaçaram feras. O Tirynthio,
Voltando vencedor, banhou de prantos
Os lacerados membros, infiou louco,
Quando o rosto encontrou da amada virgem.
Tremeram pelos cumes abalados,
Aos clamores de Alcides, os rochedos,
Quando com triste voz sôa: — Pyrene —
As serras todas, os covís das feras
— Pyrene — lhe rebombam. Logo occulta-lhe
Os membros num jazigo, o — adeos — chorando.
Guarda, ha seculos, o nome tão sentido
(Honras, que evo não gasta) inda a montanha.

Pallentem et trepidam, atque invicti tela vocantem
Hospitis, invadunt, diripiuntque feræ.
At vero Alcides victor, funesta reversus
In loca, Pyrenes fataque acerba dolens,
Lustravit colles, sed tantum membra priora
Invenit, inque urnam virginis ora tulit.
Et stupit visis, totoque expellavit ore,
Quamvis non illo fortior alter erat.
Implevit late mœstis ululatibus auras:
Et penitus montis contremuere juga.
Pyrenem clamat, Pyrenem rura sonabant.
Diffugiunt trepidæ per nemus omne feræ.
Sic olim tristes gemitus deduxit ab imo
Pectore, et amissum sic quoque flevit Hyllam.
Perfunctus tandem lachrymis, et honore sepulchri,
Pergit ab infesto mœstus abire loco
Custodita feris tumulo nunc ossa quiescunt
Mons a Pyrene virgine nomen habet.
Nec post hæc multo fertur Tirynthius urbem
Hanc nostram, et sedem constituisse sibi:
Pyrenesque suæ casum et monumenta doloris
Perpetuo cives jussit habere suos.
Stemmataque urbanis et sculpta insignia muris
Urna (vides) laceræ virginis ora capit.
Serpens, quem peperit, lateri conjunctus adhæret,
Atque leo: Herculeum seu quia tegmen erat,
Seu quia per sævos fuerat discerpta leones,
Cùm trepido infœlix fugit in antra gradu.
Tempora cur habeat (quæris) præcincta corona?
Indicium hoc genitam rege fuisse notat.
Fundatore igitur tanto Conimbrica gaudet:
Cui cessere homines, indomitæque feræ.

Fr. Heitor Pinto tambem apresenta na sua *Imagem da Vida Christã* uma interpretação das armas de Coimbra.

É muito digno de ler-se esse interessante trecho do nosso famoso classico. Alem das bellezas de estylo e locução, torna-se notavel pela sua aquilatada moral, e pela profunda erudição que ostenta.

Cavou muito no campo das letras, segundo diz, para desenterrar estas armas da sepultura do esquecimento como thesouro escondido. Assim é, com effeito; mas, se muito se recommenda pela erudição, quanto á verdade historica nada temos que aproveitar.

Eis a passagem do douto monge de S. Jeronymo:

«A antiga, nobre e sempre leal cidade de Coimbra tem por armas uma donzella coroada, mettida num vaso, por cima do qual está apparecendo dos peitos para cima, combatida d'um leão de uma parte, e da outra de uma serpente: mas como vencedora tem na cabeça corôa de victoria. E porque estas antigas armas são vistas de muitos e entendidas de poucos, por se perder a memoria de sua significação por culpa dos tempos que passaram, obscuros e apagados, houve nestes nossos alguns homens doctos e curiosos, que qui-

zeram interpretar, e desenterrar da sepultura do esquecimento a significação d'este notavel escudo. Mas como se não fundassem em theologia, nem philosophia, nem em historias authenticas, mas sómente quizessem seguir a rota de seu parecer, disseram cousas fabulosas, que tão facilmente se negam, quão facilmente se affirmam. Pois vendo eu que não convinha estar a interpretação de tão excellentes armas encuberta, determinei cavar tanto no campo das letras, que a podesse descubrir como thesouro escondido. E se não effectuei meu desejo, ao menos é de agradecer o que tive de o effectuar, e o que achei escripto, e me parece d'estas armas, é o que se segue.

Nas divinas letras tem o diabo dois nomes principaes entre muitos outros, um é Leão, outro Serpente; quando nos tenta com asperezas, chama-se Leão, quando com branduras, Serpente. O glorioso S. Pedro, Principe dos Apostolos, na sua primeira Epistola (I. *Pet.* 5) diz: Irmãos, sêde sobrios, e vigiae, porque vosso adversario o diabo, assim como Leão bravo vos combate, e tem posto cerco, buscando vossa destruição. Onde o divino Apostolo está claramente chamando Leão ao diabo. Pedindo o bom Rei David a Deus n'um Psalmo

(Psa. 7), que o livrasse do demonio, que o não destruisse, diz: *Ne quando rapiat ut leo animam meam*. Como se dissera, senhor, tende-me de vossa mão, para que o diabo como Leão não arrebate minha alma. E a fóra estes logares ha muitos outros onde o diabo se chama Leão. Pois que se chame Serpente, affirma-o claramente S. João aos xx capitulos do Apocalypse, *(Apocap. 20)*, dizendo, que Christo nosso Salvador tomou a Serpente antiga, que é o diabo, e que a prendeu e meteu no abysmo. E no terceiro capitulo do Genesis está posto em memoria, que, quando o diabo tentou a Eva com branduras, para que comesse do deleitoso, mas defêso pomo, vinha em figura de Serpente. D'onde veio S. Hieronymo no livro que escreveu contra Joviniano, a chamar aos máos conselhos com que aquelle herege excitava a gente a peccar, assovios da antiga Serpente. E isto não sómente os christãos o entenderam, mas inda muitos dos gentios, os quaes foram rastejando, e atinando com muitas verdades, que deixaram em escripto, enfronhadas em suas fabulas. D'onde vieram a dizer, que Hercules, a quem elles punham por exemplo, e idéa das virtudes, matára, sendo inda de tenra edade, umas Serpentes, significando

nisto, como diz Pierio Valeriano, que os homens que na virtude haviam de ser insignes e abalisados, logo de pequenos haviam de extinguir as branduras e falsos contentamentos com que o diabo os tentasse, e que não haviam de fazer bom rostro ás tentações, antes em começando as haviam de fazer em pedaços. Isto ensinou o Real Propheta *(Psa. 136)*, quando, falando num Psalmo dos filhos de Babylonia, disse: *Beatus qui allidit parvulos ad petram:* Como se mais claro dissera: Bemaventurado é o que quebra os máos pensamentos, sendo ainda pequenos, e barra com elles á pedra. Aos máos pensamentos quando começam chama filhos de Babylonia, que quer dizer confusão: os quaes em nascendo havemos de quebrar naquella pedra, de que dizia S. Paulo: E a pedra era Christo *(I Corinthi. 10)*. Assim interpretam esta auctoridade S. Jeronymo e S. Ambrosio, *(Hiero. e Ambr.)* e outros doutores. Por estas razões e auctoridades tenho mostrado claramente que o diabo, quando nos combate com iras e asperezas, se chama Leão, e quando com afagos e mimos, Serpente. A isto se póde reduzir o que diz S. Agostinho *(August.)* que o Leão abertamente se ira, mas a Serpente secretamente nos combate. Agora pois

temos declarado os combates, é necessario declarar quem é esta donzella combatida, mas não vencida, tentada mas não sobrepojada: e que quer significar este vaso em que está metida, por cima do qual apparece triumphante. O divino Paulo na Epistola segunda aos Corinthios *(2 Cor. 4.)* falando na alma diz: *Habemus thesaurum hunc in vasis fictilibus:* Temos, diz elle, nossa alma, que é thesouro immortal, e creada á imagem de Deus, em vasos de barro. Onde sem nenhum debate chama ao corpo vaso. Esta formosa e rica imagem de nossa alma está metida no fragil e caduco vaso de nosso corpo, combatida d'ambas as bandas de diversas tentações, umas brandas e mimosas, outras asperas e crueis, mas todas perigosas e enganosas. Quando a alma resiste ao diabo, e vence suas tentações, é coroada de Deus. E diz S. Cypriano, *(Cypria. Donato)* que quantas tentações vence, tantas vezes a corôa o alto remunerador de nossos trabalhos por elle padecidos. Esta é a corôa de que diz o propheta *(Ps. 20):* Vós Senhor lhe puzestes na cabeça a corôa de pedras preciosas. E quando a alma assim é coroada, estando no corpo está sobr'elle, como mais alta, e eminente, e como rainha e vencedora.

É logo a exposição d'estas armas, que a donzella é a alma, e o vaso o corpo: e o leão, e a serpente que a combatem, são as tentações do diabo, que a guerrêam, ora por asperezas, ora por branduras. Mas ella resistindo a todas as tentações, está por seus effeitos apparecendo mais alta e eminente que o corpo, como rainha com corôa de victoria, triumphando de seus proprios adversarios. E como este reino de Portugal é como um corpo humano, e Coimbra como a alma d'elle, por esta rainha se entende esta nobre cidade, que de vencer os immigos da alma, veio a vencer os do corpo, em muitas batalhas campaes, perigosas de commetter, e espantosas de acabar, em especial em tempo do invencivel rei D. Affonso Henriques de gloriosa memoria: o qual com a gente de Coimbra venceu os mouros immigos de Deus, e os lançou d'este reino, e regou seus campos com o sangue da barbara gente, e entregou seu nome á perpetuidade. E porque os reis d'este reino se coroavam nesta cidade, está ella coroada porque além de lhe pertencer a corôa por via de victoria, tem-na tambem para a dar aos reis, porque os que quizerem ter corôa, em Coimbra a hão de receber, e ella lh'a ha de dar. E assim como

quem edifica em terra alhea, por mais que faça, sempre fica devendo o fôro ao senhorio, de cuja mão tem a terra: assim, por mais que os moradores de Lisboa, Evora, Santarem, e d'outras cidades e villas nobres d'este reino edifiquem, sempre ficam devendo o fôro a esta tam antiga como excellente cidade de Coimbra, pois ella como senhora e rainha lhe entregou as terras que ella tirou de poder dos immigos de Christo, que por peccados do mundo tinham usurpadas. E assim como do centro da esphera sáem as linhas para a circumferencia, assim d'aqui sairam as armas com que se conquistou o reino, e d'aqui sáem as virtudes e as letras, assim divinas como humanas, com que elle é ornado e ennobrecido. E finalmente é esta cidade como alma d'este reino, coroada e sempre leal, e uma formosa imagem em que todos devem pôr os olhos. Esta é a antigualha das insignias de Coimbra, e a exposição do brasão de suas armas, que certo são illustres e dignas de nunca serem gastadas do esquecimento, pois declaram a virtude da alma que está em graça, e a victoria que alcança dos immigos, assim espirituaes como corporaes, e como vence toda a tentação, toque onde sua firmeza mostra o lustro da vir-

tude, e todos os quilates da fineza de sua constancia. E por cima d'isto estão mostrando estas armas, que a mais nobre cousa d'este reino é Coimbra, onde os reis se sohiam coroar. O que agora resta é, que os que nesta cidade vivemos nos armemos d'estas illustres armas, imitando sua significação, e vençamos nossas tentações e apetites, em quanto navegamos pelo mar do mundo, para que acabada a viagem em graça entremos no seguro porto da gloria: a qual o Senhor Deus nos queira conceder pela sua misericordia.» (*)

Pedro de Mariz nos seus *Dialogos de varia Historia* dedica um extenso capitulo á exposição das armas de Coimbra.

Resumamos o principal d'esta exposição: Attribue o nosso escriptor a fundação da cidade a Hercules, o Egypcio, e diz que, costumando os principes d'aquelles tempos acercar-se de astrologos, encantadores e agoureiros, para com elles se aconselharem nas suas emprezas e acções, era de presumir que Her-

(*) É de Lisboa e de 1572 a edição do livro d'onde copiamos. É de notar que nem todas as edições d'esta obra trazem a explicação das armas de Coimbra.

cules trouxesse alguns em sua companhia para que as cousas grandes, que na sua viagem lhe acontecessem, fossem por elles governadas. Conjectura que os referidos astrologos seriam os que lhe aconselharam a fundação da cidade, e que compozeram suas armas.

Com relação a este ponto diz: «E o que mais nos importa, e em que elles haviam de cuidar, que mais perpetuavam sua fama, e os apregoava para maiores sabios, havia de ser nas insignias das armas, que aqui deixaram, de que ora fallamos; se ellas são tão antigas como a cidade. Porque indo pouco mais ou menos conjecturando, que pelas boas partes dos moradores d'esta cidade haviam elles de ser invejados, e que por isto, ou por outras occasiões (que nunca no mundo faltaram) lhes fariam guerra muitos, e os conquistariam; e porque estes, ora haviam de ser homens de grande animo, ora de baixo, e acanhado espirito (como ordinariamente acontece) quizeram, que uns se entendessem pelo leão, que a donzella está combatendo; e outros pela serpente, que da outra parte lhe faz o mesmo. Comtudo, como seja ordinario de animos temperados, não se acanharem aos soberbos, e levantados, nem se ensoberbecerem com os baixos e apoucados (que é ficar sempre com

a victoria) quizeram, que a donzella, a que figuraram por esta cidade, estivesse coroada em signal de nunca ser tão vencida, que de todo se extinguisse. E porque com o que depois succedeu, acabamos de verificar o que os outros podiam ir rastejando: pelo leão, que a donzella está combatendo, se podem entender os castelhanos leonezes que muitas vezes conquistaram esta cidade...........

....

Pois pela serpente, que a donzella está combatendo, não duvido eu, que já tereis entendido, quererem os auctores d'estas insignias com ella demonstrar quantas vezes pelos arabes mauritanos, chamados corruptamente Mouros, e outros barbaros da terra, havia de ser conquistada esta cidade. Porque assim como o leão, comparado aos hespanhoes, entre todos os animaes é o mais excellente; assim a serpente, que comparamos com estes barbaros, é o mais baixo e acanhado animal de todos elles.................................

....

E a differença, que estes animaes, leão e serpente, têm entre si, haveis de achar, que é a mesma, que tem os hespanhoes com os barbaros, que digo: e os effeitos, que sua natureza nesta cidade causou, tambem foram

differentes. Porque os hespanhoes, como furiosos leões, a conquistaram, e tomaram, não para lhe beberem o sangue, como é proprio de leões, pois o não eram, senão no esforço, e grandeza de animo, mas para em defensão da fé de Christo derramarem o seu, com o qual a esta cidade fizeram digna de glorioso triunfo, e a elles de immortal fama. E os barbaros, e mouros, quando a entraram, com muita crueldade a senhorearam, destruindo e assolando toda a terra, e enchendo-a de miserias, e lagrimas..................

Pelo que fica claro que não faltaria razão, a quem estas armas aqui deixou (se alguma cousa sabia das cousas futuras) para por conjecturas entender pelo leão, que a donzella está combatendo, os valorosos castelhanos leonezes, que por algumas vezes a conquistaram. E pela serpente as muitas entradas, que os barbaros mouros nella fizeram. E se das futuras cousas não tinham mais noticia, que a que humanamente se pode alcançar, bem podiam (como já disse) dar a entender com ellas, que umas vezes havia de ser combatida por animos ferozes e esforçados, e outras vezes por acanhados e baixos. E que nem as valorosas conquistas de uns, nem os assaltos feros e deshumanos de outros (como já ou-

vistes) seriam bastantes para de todo a extinguirem: sendo-o outras, que na fortaleza do sitio, e edificios, e na multidão dos defensores lhe levaram muita vantagem..........
....................................»

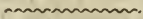
O douto escriptor conimbricense espraia-se ainda em largas considerações, que omittimos, porque bem se podem escusar para o nosso proposito.

Vasco Mousinho de Quebedo no seu poema *Affonso Africano*, canto III, apresenta a historia do brasão de Coimbra, segundo a narrativa de fr. Bernardo de Brito.

Diz o poeta:

E porque se apparelha alegre historia
Do Leão, da Donzella, e da Serpente,
Pretendo fazer della aqui memoria,
Que a conjuncção disposta m'-o consente.
No tempo, que mostrou seu raio a gloria
Dos Alanos, altiva, e forte gente,
Que as armas dos Romanos desprezando,
Os vão de Hespanha a seu pezar lançando

Ataces orgulhoso, que entendia
Em reparar Coimbra, e reformal-a
D'algumas quebras grandes, que alli via,
Que a guerra, e o tempo fez, que tudo escala:

Por novas apressadas soube um dia,
Que Hermenerico Rei, contra elle abala
De Galliza, onde tinha sceptro, e mando,
De barbaros Suevos grande bando.

Elle que descuidado em paz estava,
(Mas erra, quem descuida do inimigo)
Sua gente comtudo apparelhava
Co' a pressa, que convinha a tal perigo:
E marchando a jornadas encontrava
O Suevo, a quem deu logo o castigo;
Mas elle, que se viu desbaratado,
Pazes lhe pede, como acautelado.

Promette de lhe dar em casamento
Uma filha de tal belleza, e graça,
Que tinha singular contentamento,
Com que largos desejos satisfaça:
Solemnisa-se a paz com juramento,
Para que nenhum delles a desfaça,
Nascendo daquelle odio uma alliança,
Em que nunca jamais houve mudança.

Já por Coimbra entrava a nobre Esposa,
Qual entra em Troia a celebrada Helena,
Com tanta graça, e brio, e tão formosa,
Que o proprio vento amansa, e o ar serena:
Ataces, que co'a vista a vista gosa,
Bastante a dar allivio a qualquer pena,
Julga por felicissima uma guerra,
Que o maior bem lhe trouxe, que ha na terra.

E como ella abrandou a feridade
Do Dragão, que nas Armas do Pai vinha,
Fazendo novas pazes, e amizade
C'o Leão, que por armas elle tinha:

Por gloria, e por memoria da cidade,
Que por seu gosto celebrar convinha
Lhe deu por armas esta insignia ufana
Que hoje alça contra a furia mauritana.

No mez de outubro de 1625 celebrou o bispo de Coimbra, D. João Manuel, grandiosas festas para solemnisar a canonisação da Rainha Sancta Isabel. A Universidade tambem concorreu para tornar mais pomposa e luzida a solemnidade, e prégou por essa occasião o lente de vespera de Escriptura, fr. Jorge Pinheiro, da ordem dos prégadores. No seu sermão, que foi impresso com varias composições poeticas em um livro intitulado *Sanctissimae Reginæ Elisabethæ Poëticum Certamen dedicat, et consecrat Academia Conimbricensis jussu Illustrissimi D. Francisci de Britto de Menezes à Consiliis Catholicæ Majestatis, et ejusdem Academiæ Rectoris — Conimbricæ 1626,* explicou fr. Jorge Pinheiro allegoricamente o brasão de Coimbra da seguinte maneira:

«E já agora, Coimbra, acabarás de entender o sentido das tuas armas, sobre o qual tantas cousas se disseram. Dizem uns que Hercules Egypcio te fundou, e para isso trouxe do Egypto homens sabios (que tanto ha, que em ti

as letras têm morada e assento, que nellas estás fundada). E te deram as tuas armas significadoras do que depois te havia de acontecer. Que são uma Rainha com coroa na cabeça, saindo de um vaso, os olhos postos no ceo, como que a elle pede favor, e ajuda, entre um Leão e uma Serpente. Dizem outros que esta rainha foi uma, que por via de casamento fez pazes entre o Rei de Galliza, e de Portugal, dos quaes um tinha por armas um Leão, outro uma Serpente. Digam o que quizerem, que o que a mim me parece é, que esta Rainha com coroa na cabeça, os olhos no ceo é a tua Rainha, que pondo os olhos no ceo, está pedindo a Deos para ti favor e ajuda. Está saindo de um vaso, e entre Leão, e Serpente, como fazendo pazes entre elles, porque quando passou desta vida saindo do vaso de barro do corpo, pazes fez entre o Leão de Castella, e a Serpente de Portugal: que este é o seu timbre de suas armas, a Serpente de metal de Moysés figura de Christo crucificado: que esta quizeram os reis de Portugal tomar por timbre das suas armas, para que todas ellas fossem uma representação da paixão de Christo. E tambem está fazendo pazes entre o leão da tribu de Judá Christo

seu esposo, e entre Portugal, que para isto este Senhor a poz á sua mão direita.

«*Gloriosa dicta sunt de te civitas Dei (Psal. 86),* Cidade de Coimbra, muitas grandezas se dizem de ti, mas nenhuma como esta, que tenhas á tua Rainha por teu escudo de defensa. Tenha embora Lisboa uma náo com dois corvos por armas, discorrendo de pôpa á proa; tenha Evora um homem a cavallo, e na mão uma cabeça de um homem pelos cabellos pendurada; tenham as mais cidades por armas castellos, rios, bosques, arvores, que tu tens á tua Rainha com os olhos no ceo, pedindo para ti favor e ajuda; alegra-te pois, que todos te vem dar o parabem de tua sorte ditosa, alegrando-se todos comtigo, *sicut lætantium omnium habitatio est in te,* todos em ti se mostram alegres com tua venturosa sorte.»

~~~~~~~~~~

Miguel Leitão d'Andrade, no dialogo XV da sua *Miscellanea,* tractando da antiga Coimbra, situada onde hoje é Condeixa Velha, diz o seguinte:

«....lhe pozeram o nome de Colimbriga. Outros dizem, que de uma grande serpente
~~~~~~~~~~

que por alli habitava chamada Colubris, a qual pelos muitos damnos que fazia, e medo que causava, não deixava que por muitas legoas ao redor se povoasse, e sendo morta por grande ventura por um cavalleiro que por amores de uma princeza se veiu provar ventura com esta serpente, e a matou por admiravel valentia, e ardil, que seria largo de contar. Porém que casando depois desse feito com essa princeza, por cujo respeito acabara tamanha façanha, e na memoria della, edificou no mesmo logar uma cidade, e do nome de *Colubris* que elle matou, e de *briga* que nesses tempos era muito commum e ordinario nome nas povoações, lhe pozera este de *Colimbriga,* dando-lhe por armas e empresa a mesma serpente, e princeza sua dama, em virtude da qual dizia acabara essa empresa, tudo em uma salva de ouro ou de prata; e desta maneira as trazia elle em seu escudo, e isto se tem por menos fabuloso, ou por mais certo, vendo-se ainda hoje estas mesmas armas as ter a nossa Coimbra, que dizem que das reliquias desta Colimbriga foi edificada.

. . . .

Esta é agora nossa Coimbra, que depois foi amplificada e ennobrecida por aquelle famoso Hercules, com aquelle castello tão nobre

que nella fabricou, e famosa torre que inda hoje se chama do seu nome. Cidade tão florescente em letras com uma Universidade tão famosa da Hespanha, como depois de sua edificação o foi em armas, ficando-lhe sempre as que foram dadas á antiga Colimbriga, da serpente, e princeza, por ella significada a sabedoria de Minerva, e por aquella o esforço dos cavalleiros. No presagio de haver de ser sempre princeza nas letras, como é que vemos aos letrados de aqui ordinarios, irem a outras Universidades, onde logo são os principaes lentes de prima e vespera; e nas armas se podem chamar os cavalleiros que daqui sairam Hercules, como seu fundador desta sua fortaleza, ou serpes, nascidos, e creados nesta terra, dos dentes desta serpente Colubris; quaes as fabulas dizem nasceram da serpente, que Cadmo matador della semeou; e da maneira que a náu que Lisboa tomou por divisa, e armas, foi presagio, e prognostico das grandes, e estupendas navegações, descubrimentos e conquistas que della se haviam de fazer. Pois se pode com verdade dizer dos cavalleiros de Coimbra, que todos foram Hercules, e serpes, e ella conquistadora de todo este reino de Portugal, de tantas cidades, villas, e castellos, e com tão pouca gente tantas vi-

ctorias que pareceram incrediveis poderem-se alcançar sem manifesto milagre, qual foi a do Campo de Ourique, e com outras muitas.»

Gabriel Pereira de Castro no seu poema *Ullyssea* allude ás armas de Coimbra quando fala dos alliados que accorreram a Gorgoris contra Ulysses, e diz (canto VIII, est. LVII e LVIII):

Traz Gorgoris comsigo a Valinferno
Grão capitão de muita gente armada,
Que tem o famosissimo governo
Da cidade por Hercules fundada:
Onde o Mondego com licor eterno
Os fortes muros beija, e a dourada
Margem regando com saudosa vea,
Cerca de crystal puro ilhas de area.

E de aço na fortissima corrente
Traz duras feras, com que pelejava,
Um Lybico leão, uma serpente,
Bravo, e fero o leão, a serpe brava:
Entre as valentes feras, mais valente,
Que quem da garra e bocca lhe escapava
Se na massa (que é um pinho inteiro) toca,
Tem mór perigo, que na garra e bocca.

Antonio Carvalho da Costa na sua *Corographia Portugueza*, t. 2, pag. 4 segue a narrativa de fr. Bernardo de Brito.

Diz o illustre chorographo:

«Tem por armas uma donzella chamada Cindazunda, mulher de Ataces, rei dos alanos, o qual lançou fóra d'esta cidade aos romanos, muito antes que viessem os godos a Hespanha: a qual Rainha está posta com coroa em uma taça com os olhos e mãos levantadas ao ceo, de uma parte a combate um leão, e da outra uma serpe. O emphase destas figuras é que, andando o dito rei mui occupado na reedificação de Coimbra, que estava arruinada por causa das guerras, veiu contra elle seu antigo emulo Hermenerico, rei dos suevos em Galliza, com grande poder; o que sabendo Ataces, deixando a nova reedificação, lhe saiu ao encontro, e de tal modo se houve, que o inimigo ficou vencido, e viera a maiores calamidades, se não pedira pazes ao vencedor, e lhe offerecera por mulher sua filha a infanta Cindazunda, prodigio de formosura, milagre da natureza, e emulação da Aurora; cuja belleza podera obrigar a todo o monarcha não só a recebel-a por esposa, mas tambem a sugeitar-se a todos seus conselhos. Cumprindo-se a palavra, tornou Hermenerico dahi a pouco tempo com a filha, e se cele-

braram as vodas significadas na taça, e tão satisfeito ficou Ataces com a esposa, que mandou logo que a cidade tomasse por timbre sua imagem posta entre um leão, que elle tinha por armas, e um dragão verde que o sogro trazia em suas bandeiras, para que a todos fosse manifesto que aquellas duas insignias, leão, e serpe, pouco antes tão contrarias, estavam já unidas em paz, e amizade.

Alguns disseram que o leão denotava os Leonezes, e a Serpente os Mouros enganosos como ella, porque ambas estas nações conquistaram Coimbra: de qualquer sorte que seja, esta cidade leva vantagem a outras muitas, as quaes parece que ameaçam e espantam os hospedes com a carranca de suas armas, como Beja com o seu touro, Milão em Italia com a fera monstruosa, Austum em França com as serpes, e a cidade de Leão com o animal de seu nome; que esta mesma tenção tiveram os heroes da antiguidade, quando se armavam com semelhantes carrancas, como Turno com a chimera inflammada, Amphiorao com o dragão, Capaneo com a hydra, e Alexandre com o leão; mas Coimbra, como disse, é linda, formosa, e tão engraçada, que parece se está rindo para todos, como disse na sua patria aquelle grave italiano

o Mestre Frey Lourenço Justiniano, affirmando que vira em Portugal quatro cousas principaes, que eram, o mundo recopilado pela cidade de Lisboa, uma villa cercada de pedras preciosas, que era Setubal, o templo de Salomão, que era o admiravel edificio da Batalha, e uma cidade que se estava rindo, que é a celebrada e alegre cidade de Coimbra.»

~~~~~~~~~~

D. José Barbosa, na sua obra intitulada *Archiathenœum Lusitanum,* narrando a historia de Coimbra, figura a cidade falando a D. Fernando Magno e pedindo-lhe a livrasse do jugo mauritano. Começa esta prosopopea pelos seguintes versos, nos quaes se encontra a descripção e explicação da divisa da cidade segundo a narrativa de fr. Bernardo de Brito:

Rex Auguste, potens regni dominator Iberi,
Cujus ad aspectum pallescunt ora cruenti
Maurûsi, subitusque nigros pavor occupat artus:
Proh dolor! illa potens fueram Collimbria quondam,
Tangere quae poteram sublimi vertice coelum:
Illa fui, quae jura dedi, cum fortis Ataces
Imperium regeret, palmasque ex hoste referret.
Nobile sit testis, turres quod stemma coronat,
Conjugis Augustae quo picta videtur imago
Cindasundae, oculis, manibusque superna vocantis
~~~~~~~~~~

Auxilia, inclusae paterâ, frontemque coronâ
Cingentis, quam gemma facit Gangetica pulchram.
Ad dextram insurgit paterae leo martius ungue,
Explicat ad laevam sinuosa volumina serpens:
Diruta nam sapiens reficit dum moenia Princeps,
Ermenericus adest, qui Regis honore Suevis
Imperat, et bello deperdere tentat Atacem.
Non tulit ille moras, hostem petit impiger armis,
Jam caedi dant signa tubae, jam caesa Suevûm
Turba cadit, fuso tinctus Rex ipse cruore
Praecipiti dat terga fugâ, jam pacis amicae
Foedera deposcit, firmantur foedera, gnatam
Conjugio jungit stabili, pax alma triumphat.
Victor ubique volens studii dare signa jugalis,
Nobilitat sponsae regali stemma figurâ.
Indicat auratus Crater genialia jura,
Signat utrumque leo Regem serpensque potentem,
Utraque nam fulget serpente, et parma leone.

José Corrêa de Mello e Britto de Alvim Pinto no seu poema *Joanneida*, canto III, est. LXXIII e seguintes, apresenta o seguinte episodio ácerca das armas de Coimbra, no qual segue a narrativa de fr. Bernardo de Brito:

Resplandiano fora o rei primeiro,
Que os Alanos guiara á terra Lusa,
De quem Ataces foi filho, ou herdeiro
No governo cruel da gente intrusa:
Era Ataces mancebo, era guerreiro
De esfera não vulgar, bem que confusa,
Por falta de instrucção; mas valoroso,
Incançavel, robusto, e ambicioso.

. .

Este depois de haver com mão pesada
Domado Portuguezes, e Romanos
Na provincia, que fora em sorte dada
Ás tyrannas empresas dos Alanos,
Movido de ambição desordenada
De estender os limites soberanos,
Contra os mesmos suevos seus amigos
Convertia das armas os castigos.

Com presteza fatal, com mão potente
Sobre a antiga Collimbria em fim dispara
Toda a furia da raiva impaciente,
Que a guerra ordena, que o rigor prepara:
Arrazada a cidade inteiramente,
Resta apenas do nome a fama rara;
Mas tão pouco distincta, que só deixa
Ver que fora Collimbria onde é Condeixa.

Das cinzas quentes deste estrago duro
Nova Fenis Coimbra se levanta,
Onde o barbaro rei para o futuro
Por padrão da victoria os seus transplanta;
Mas no mesmo esplendor do novo muro
Segundo Pharaó ao mundo espanta,
Ataces fero, que a pensoens vulgares
Sujeitava os ministros dos altares.

Alli se via com assombro, e susto,
Entre a plebe grosseira equivocado,
O sacerdote santo, o bispo justo,
Aos mais duros serviços condemnado:
A grossa barra, o alvião robusto,
A paviola, o cesto, e o mal lavrado
Braço do cabrestante era o exercicio
Da mão usada ao santo sacrificio.

Em quanto desta sorte entre insolencias,
Crescia de Coimbra o muro altivo,
Igualmente manchado de indecencias,
Que illustrado de adorno defensivo,
Os Suevos movidos das violencias,
A que as tropas de Ataces dão motivo,
Desde as praias do Lima vêm correndo
A castigar estrago tão horrendo.

Mas temendo igualmente os dois partidos
O successo fatal de uma batalha,
Ou de antigos affectos commovidos,
Que a politica voz astuta espalha,
Dos impulsos das iras esquecidos;
Cada qual pela doce paz trabalha,
E terminam-se os tristes embaraços
No fim ditoso de suaves laços.

Do rei Suevo Hermenerico a filha
Cindasunda, princeza respeitavel,
Em quem no summo gráo se ostenta e brilha
A virtude, e belleza incomparavel,
Foi de Ataces o premio, a que se humilha
Tanto a sua soberba incontrastavel,
Que trocada a braveza em rendimento
Fez de um barbaro amor um culto attento.

Da força illustre deste affecto claro
Tira a nova Coimbra o timbre augusto,
Que Ataces lhe entregou no objecto charo
Representado em marmore robusto,
Alli dura, apezar do tempo avaro,
Da famosa princeza, o nobre busto
Entre uma serpe e um leão mettido,
Que insignias são do pai e do marido.

Da historia do brasão de Coimbra formou o sr. José Freire de Serpa um mimoso solau, no qual segue tambem a narrativa de fr. Bernardo de Brito. Para fecharmos com chave de ouro a nossa resenha aqui estampamos os versos com que o harmonioso poeta conimbricense termina aquella sua interessante composição:

«Senhor pai, aqui me tendes;
«Morta venho;
«Mas, pai meu, para salvar-vos
«Me despenho.

«Senhor Ataces valente,
«Que fazeis!
«Falla-me Deos que estas guerras
«Acabeis.

«Para que é derramar sangue
«Tão coitado!
«Ai! se eu salvar-vos podera,
«Mal peccado!

«Senhores reis, muito amigos
«Vos quedae;
«E o meu só, se é mister sangue,
«Derramae.

«Acabemos co' esta guerra,
«E vamos á nossa terra.

*
* *

Assim fallou Cindasunda.
—Disse o pai:—«ó filha minha!»
E Ataces disse, enfiando
A espada pela bainha:

«Soldados, soldados meus!
«Já não tendes capitão;
«Abaixae às vossas armas,
«Enrolae vosso pendão,
«Quebrae as unhas e os dentes
«Ao vosso rubro leão.

«Senhor rei Hermenerico,
«Já não quero guerrear,
«Façamos pazes aqui,
«Amigos hemos quedar;
«Olhos d'ella me renderam,
«Vossa filha me heis de dar.

«Dona minha, Cindasunda,
«Aqui tens o meu pendão,
«Aqui tens os meus soldados,
«Aqui tens o meu leão;
«Os teus olhos me renderam,
«Aqui tens meu coração.

«Senhor rei Hermenerico,
«Já não quero guerrear,
«Façamos pazes aqui,
«Amigos hemos quedar;
«Olhos d'ella me renderam,
«Vossa filha me heis de dar.

*
* *

Deram as mãos os guerreiros,
E beijaram-se;
Largaram hostes as armas,
E abraçaram-se;
Drago, e leão, ambos quietos,
Cortejaram-se;
Ao ceo tangeres alegres
Elevaram-se;
As faces de Cindasunda
Purpuraram-se;
Os seus olhos tão formosos
Abaixaram-se.

*
* *

E a mão do godo
Tostada, immunda,
Co' a mão tão nivea
De Cindasunda;

E as faces d'ella
Meigas, rosadas,
Co' as faces delle
Rubro-tisnadas;

E o corpo d'ella
Curto, e formoso
E o corpo d'elle
Gigante, e airoso;

E o pai ao lado,
Rude dragão,
Sustendo a raiva
No coração;

E dos dois chefes
A dextra irada
Poisando a furto
Na quente espada;

E olhos de feras
Cruzando ainda
De um lado, e outro
Da moça linda;

E ella aos guerreiros
Com riso brando
Surdos furores
Amenisando:

Assim caminho
De Coimbra bella
Vem ante as alas
O godo, e ella.

E assim, c'roada
Em copa d'oiro,
De paz, e graças
Rico thesoiro,

De Coimbra Ataces
A fez brasão,
D'um lado a serpe
D'outro o leão.

E já de seculos
Grossa dezena
Passou correndo
Por esta scena;

E ainda os dois brutos,
Inda a donzella
São a divisa
De Coimbra bella.

~~~~~~~~~~

Ainda nos resta mencionar dois escriptores notaveis que se occuparam do brasão de Coimbra: João Rodrigues de Sá, e Manuel Severim de Faria. Occupou-se d'elle o primeiro no seu *Tractado da Cidade de Coimbra*, o segundo na sua obra intitulada *Armas das cidades de Portugal, e razão porque as tomaram*. Não pudémos ver estas obras, que ambas ficaram ineditas, e apenas as conhecemos por as termos visto mencionadas na *Bibliotheca Lusitana*.

Em 1866 publicou o sr. A. M. Seabra de Albuquerque um valioso escripto intitulado *Considerações sobre o brasão da cidade de Coimbra*, no qual o seu illustrado auctor teve em vista convencer que muitas das divisas de Coimbra modernamente esculpidas em varios edificios por ordem da camara municipal não foram executadas em conformidade com as prescripções da heraldica. Todos conhecem este interessante folheto, no qual o sr. Seabra em uma bem deduzida exposição
~~~~~~~~~~

conseguiu demonstrar cabalmente o que se propoz, chegando á conclusão de que o verdadeiro modo de representar as armas de Coimbra é o que descreve no trecho que tomámos por epigraphe d'esta nossa resenha.

Eis o que temos encontrado de mais interessante nos nossos mais notaveis escriptores ácerca da divisa de Coimbra.

É pois certo que nenhum dos brasões das nossas cidades tem sido mais honrosamente celebrado.

FIM.